

UM **LUGAR**  
CHEIO DE  
**NINGUÉM**

MARCELO XAVIER



PARA O ERIC,  
MEU NETO.

UM **LUGAR**  
CHEIO DE  
**NINGUÉM**

MARCELO XAVIER

**Formato**



**NO QUARTO ESCURO**, apenas uma tênue luz do rádio ilumina o rosto dos três irmãos. O painel — na parte inferior da enorme caixa de madeira escura — é uma misteriosa tela repleta de códigos indecifráveis, letras e números brilhantes e linhas coloridas.

Um filete vertical, branco, passeia na tela de acordo com o giro do botão de sintonia, à direita do painel — com ele, busca-se a estação desejada. O gêmeo, do lado esquerdo, é o botão do volume.

Na casa da época, o rádio era o dono do pedaço: objeto imponente, quase sagrado, janela aberta para o mundo, caixa de sonhos. Informava, mas, principalmente, tocava o coração das pessoas com canções apaixonantes e novelas inesquecíveis. Reinava absoluto. Seu território ainda não havia sido invadido pela televisão e muito menos pelo computador.

Sempre à noite, lá estavam os três garotos diante daquele bicho elétrico que falava e cantava feito gente: estranho e fascinante! Os dois menores, agarrados um ao outro, só aguardavam o medo chegar. O mais velho fingia coragem. E, como só ele podia girar o botão de sintonia, fazia-o vagarosamente, como um bom capitão que leva seu barco por mar escuro em noite sem lua. O “barco” esbarra em coisas que chiam, estalam, em cacos de músicas e em seres perdidos na escuridão, cujas vozes surgem mas logo desaparecem. Algumas próximas, nítidas, outras distantes, quase apagadas — brasileiras e estrangeiras. Parecendo uma multidão de naufragos que gritam, gemem em desespero para serem ouvidos e resgatados daquele mar de destroços sonoros. O jovem capitão, com a mão firme no dial-timão, ignora as súplicas roucas e segue na busca pela “Hora do Terror”. O programa se esconde no emaranhado de sons e ruídos, aumentando ainda mais a aflição dos ouvintes.

Os menores, sem desgrudar os olhos do painel de luz do barco-rádio, confiavam plenamente na capacidade de navegação do capitão. Repentinamente, o pauzinho branco da sintonia estaciona. E no ponto exato. O capitão lança a âncora: a voz sepulcral do locutor envolve os três garotos e os amarra com as cordas invisíveis do suspense:

— Prepare-se. Se você não é forte o bastante, desligue o rádio e vá se deitar. Se ficar... pode não conseguir mais dormir esta noite.

Os três, arrepiados dos pés à cabeça, têm os ossos gelados.

Ao menor comentário de um dos pequenos:

— Shhhhhiiiiii. Se não fizerem silêncio, pra cama. — Ordena energeticamente e ao mesmo tempo sussurrado o capitão.

A porta do quarto, fechada, não afastava o risco dos pais acordarem. Ai se descobrem o rádio ligado àquela hora da noite... E, o mais grave, em companhia dos dois pequenos, ouvindo um programa proibido para crianças. O castigo viria pesado!

Sintonizada a estação, barco ancorado, o locutor prossegue, puxando o fio sinistro da história. No rádio, o terror é ainda pior. O ouvinte, sem a distância salvadora das imagens de cinema ou de televisão, vê as cenas apavorantes se projetando dentro dele, com a colaboração da própria imaginação — total sentimento de desamparo. Mas pra onde correr, se todas aquelas assombrações estão trancadas no escuro da sua própria cabeça? Os sons nos programas noturnos do rádio são poderosos aliados do suspense: passos numa rua deserta, uivos, gritos, rangidos de porta, badaladas, ventos uivantes, vidros se estilhaçando... todo esse arsenal para imobilizar o indefeso ouvinte. Mas ninguém o obriga a dar ouvidos ao rádio. Ele próprio cria e sustenta o gosto pelo vento gelado do terror na pele.